

Revisão

O TOTALITARISMO E SUAS VICISSITUDES: intersecção entre a obra distópica de George Orwell, "1984", e os princípios da teoria psicanalítica no contexto do Brasil do ano de 2022

PURL: <https://purl.org/27363/v5n1a8>

DOI: 10.22289/sg.V5N1A8

Josias Barbosa Victor Lagares ^{a*} e Leonardo Carrijo Ferreira ^a^a *Faculdade Patos de Minas - FPM, Patos de Minas, Minas Gerais, Brasil.*

Resumo

Este artigo tem como objetivo explorar a intersecção entre a obra distópica de George Orwell, "1984", e os princípios da teoria psicanalítica, buscando compreender os fenômenos de massa em contextos totalitários, com ênfase no fenômeno do fascismo. Além disso, pretende-se analisar a relevância desses conceitos na contemporaneidade, utilizando o Brasil de 2022 como um exemplo ilustrativo. Ao articular a narrativa ficcional de Orwell com a visão da psicanálise, este estudo visa aprofundar a compreensão das dinâmicas de poder, controle social e alienação individual presentes em governos autoritários em especial o fascismo. O fascismo, assim como outros fenômenos de massa, fundamenta-se na ideia de unidade e na supressão da subjetividade individual em prol de um propósito coletivo. Como observa Freud (2013) em sua análise dos processos de massificação, na dinâmica das multidões individuais perdem suas características distintivas, dando lugar a uma "alma coletiva" que molda o pensamento e comportamento dos participantes. Nesse contexto, a obra "1984" de Orwell emerge como uma alegoria poderosa, retratando a luta do protagonista, Winston, contra a anulação de sua individualidade em uma sociedade totalitária dominada pelo Grande Irmão. Ao conectar esses conceitos com eventos contemporâneos, como os observados no Brasil em 2022, é possível identificar padrões preocupantes de comportamento de massa e manipulação política. A disseminação de discursos totalizantes, a polarização política e a manipulação das emoções coletivas são elementos-chave na construção de uma sociedade propensa à submissão e ao autoritarismo. Nesse sentido, ao longo deste estudo, serão examinados exemplos concretos de como os dispositivos de vigilância e controle presentes em "1984" ecoam nas práticas políticas contemporâneas, especialmente no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Psicanálise; Totalitarismo; Discursos totalizantes; Manipulação política; Sexualidade.

TOTALITARIANISM AND ITS VICISSITUDES: intersection between George Orwell's dystopian work, "1984", and the principles of psychoanalytic theory in the context of Brazil in the year 2022

Abstract

This article aims to explore the intersection between George Orwell's dystopian work, "1984," and the principles of psychoanalytic theory, seeking to understand mass phenomena in totalitarian contexts, with an emphasis on the phenomenon of fascism. Additionally, it intends to analyze the relevance of these concepts in contemporary times, using Brazil in 2022 as an illustrative example. By articulating Orwell's fictional narrative with insights from psychoanalysis, this study aims to deepen the understanding of power dynamics, social control, and individual alienation present in authoritarian governments. Fascism, like other mass phenomena, is based on the idea of unity and the suppression of individual subjectivity in favor of a collective purpose. As Freud observes in his analysis of massification processes, in the dynamics of crowds, individuals lose their distinctive characteristics, giving way to a "collective soul" that shapes the thinking and behavior of participants (Freud, 2013). In this context, Orwell's work "1984" emerges as a powerful allegory, depicting the protagonist Winston's struggle against the annulment of his individuality in a totalitarian society dominated by Big Brother. By connecting these concepts with contemporary events, such as those observed in Brazil in 2022, it is possible to identify worrying patterns of mass behavior and political manipulation. The dissemination of totalizing discourses, political polarization, and manipulation of collective emotions are key elements in constructing a society prone to submission and authoritarianism. By exploring these themes, this essay seeks to shed light on the underlying mechanisms of totalitarian regimes and their influence on the collective psyche. In this sense, throughout this study, concrete examples will be examined of how surveillance and control devices present in "1984" resonate in contemporary political practices, especially in the Brazilian context.

* Autor para correspondência: E-mail: josiasvictor32@gmail.com

Keywords: Psychoanalysis; Totalitarianism; Political manipulation; Political polarization; Sexuality.

EL TOTALITARISMO Y SUS VICISITUDES: intersección entre la obra distópica de George Orwell, "1984", y los principios de la teoría psicoanalítica en el contexto de Brasil en el año 2022

Resumen

Este artículo tiene como objetivo explorar la intersección entre la obra distópica de George Orwell, "1984", y los principios de la teoría psicoanalítica, buscando comprender los fenómenos de masas en contextos totalitarios, con énfasis en el fenómeno del fascismo. Además, se pretende analizar la relevancia de estos conceptos en la contemporaneidad, utilizando como ejemplo ilustrativo el Brasil de 2022. Al articular la narrativa ficticia de Orwell con ideas del psicoanálisis, este estudio tiene como objetivo profundizar la comprensión de las dinámicas de poder, el control social y la alienación individual presentes en los gobiernos autoritarios. El fascismo, como otros fenómenos de masas, se basa en la idea de unidad y la supresión de la subjetividad individual en favor de un propósito colectivo. Como observa Freud en su análisis de los procesos de masificación, en la dinámica de las multitudes, los individuos pierden sus características distintivas, dando paso a un "alma colectiva" que moldea el pensamiento y el comportamiento de los participantes (Freud, 2013). En este contexto, la obra de Orwell "1984" emerge como una poderosa alegoría, que representa la lucha del protagonista Winston contra la anulación de su individualidad en una sociedad totalitaria dominada por el Gran Hermano. Al conectar estos conceptos con eventos contemporáneos, como los observados en Brasil en 2022, es posible identificar patrones preocupantes de comportamiento masivo y manipulación política. La difusión de discursos totalizadores, la polarización política y la manipulación de las emociones colectivas son elementos clave en la construcción de una sociedad propensa a la sumisión y al autoritarismo. Al explorar estos temas, este ensayo busca arrojar luz sobre los mecanismos subyacentes de los regímenes totalitarios y su influencia en la psique colectiva. En este sentido, a lo largo de este estudio, se examinarán ejemplos concretos de cómo los dispositivos de vigilancia y control presentes en "1984" resuenan en las prácticas políticas contemporáneas, especialmente en el contexto brasileño.

Palabras clave: Psicoanálisis; Totalitarismo; Manipulación política; Polarización política; Sexualidad.

1. Introdução

O presente artigo visa articular a obra "1984" de George Orwell (Orwell, 2019), com a teoria psicanalítica, pretendendo compreender os fenômenos de massa em governos totalitários, dando ênfase principal ao fenômeno do fascismo. Buscando uma melhor metodologia, abordaremos também a contemporaneidade deste fenômeno, utilizando como exemplo o Brasil de 2022, fomentando um debate amplamente teórico sobre as ações da grande massa e seu líder.

O fascismo como todo fenômeno de massa tem como base principal a ideia de unidade, de uma luta em conjunto com um mesmo desígnio, vende-se a ideia de propósito em troca de uma morte da subjetividade individual, o sujeito se apequena para que tal propósito possa emergir. Como bem elabora Freud em sua releitura de Le Bon "[...] na massa apagam-se as aquisições dos indivíduos, e com isso desaparecem suas singularidades" (Freud, 2013, p. 43) ou seja, na massa o sujeito se aliena não somente de sua individualidade, mas também de sua responsabilidade, tornando-se cada vez mais apenas uma amálgama do grande líder. Perdendo sua constituição como sujeito, em prol de uma ideia, ou como usa o próprio Le Bon (2022), "uma alma coletiva".

O livro 1984 veste a alegoria de um romance distópico, em que Winston, o personagem principal, se mostra em uma luta para que sua individualidade não se apague em prol de uma massa que cultua seu grande líder como uma divindade. São vários momentos em que é vedada a subjetividade para que possa emergir a unidade. Winston ainda persiste para que tenha a liberdade de pensar e dizer algo subjetivamente construído, entretanto é engolido, é consumido pelo coletivismo patológico advindo de um desejo alienado de unificação (Orwell, 2019).

Apesar da distopia pregada pela escrita de Orwell, o ano de 2022 nos aproximou de forma assustadora a fantasia, a morte da intelectualidade individual em prol da barbárie em massa foi matéria e assunto em todos os jornais. Indivíduos em estradas, nas ruas, sem o mínimo de pensamento lógico, deduzindo uma ideia ilusória de propósito. Ali, naquela visão unicista, tínhamos a mais clara sensação de um processo de psicose coletiva, indivíduos abaixo de chuva, aos gritos, desprendendo-se

de qualquer desejo individual, por uma visão contagiante de onipotência, buscavam uma intervenção irreal, chegando a fantasiar um intermédio divino. (Orwell, 2019).

Desta forma, foi perceptível um contágio que perpassava classe sociais, contágio esse que se movimentava alimentando-se de um grande “porque” constitutivo, mesmo que inautêntico. Ali se instaura uma decaída do subjetivo com intuito de uma complementação alocada no outro, como evidencia Le Bon (1895).

O que há de mais singular numa massa psicológica é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, por mais semelhantes ou dessemelhantes que sejam seus modos de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, a mera circunstância de sua transformação numa massa lhes confere uma alma coletiva, graças a qual sentem, pensam e agem de modo inteiramente diferente do que cada um deles sentiria, pensaria e agiria isoladamente (Le Bon 1895, *apud* Freud, 2013, p. 40).

Freud (2013) define bem esse transe como uma condição a qual o sujeito livra-se do recalçamento de suas moções inconscientes, transformando-se em um ser de fantasia onipotente, um ser sem repressão moral própria, agindo com um inconsciente coletivo a céu aberto.

Esse artigo, irá explorar os motivantes individuais e o caminho percorrido pelas lideranças para instaurar esse estado hipnótico no indivíduo, fazendo uma interessante articulação entre o real e a ficção, com o auxílio da obra psicanalítica, utilizando autores como Freud e Reich, além claro a literatura contemporânea.

2. “1984” - A alma coletiva patológica

A obra “1984” de George Orwell, escrita em 1949, relata sobre uma visão futurista, que explora de maneira profunda a desintegração da individualidade em meio à opressão totalitária. À medida que a trama se desenrola, revela-se uma intrincada teia de manipulação política e controle sobre as mentes e corações dos cidadãos do fictício continente da Oceania. Winston, o protagonista, busca uma fuga na introspecção, utilizando um diário como um espaço íntimo para expressar seus pensamentos e sentimentos proibidos. A citação “Liberdade é a liberdade de dizer que dois mais dois são quatro”. Se isso é admitido, tudo mais é decorrência” (Orwell, 2019, p. 85) encapsula a essência do controle ideológico, onde a própria lógica é submetida aos caprichos do partido.

O ponto de virada surge quando Winston, motivado por uma faísca de individualismo, embarca em um relacionamento clandestino com Julia, sendo ela também um membro do partido, que trabalha em um setor burocrático chamado Departamento de Ficção, onde ela opera uma máquina para produzir ficções e entretenimento para consumo interno do Partido. Juntos, eles desafiam as normas impostas pelo Partido em busca de satisfação pessoal e intimidade, desafiando a noção de conformidade coletiva imposta pelo Grande Irmão (Orwell, 2019).

No entanto, a esperança de Winston é efêmera. Traídos, presos e submetidos a torturas psicológicas, Winston e Julia enfrentam a verdadeira brutalidade do regime totalitário. A tortura é projetada para extinguir não apenas a rebelião, mas a própria essência do indivíduo. Winston é forçado a renunciar não apenas a Julia, mas a seus próprios sentimentos e desejos, jurando lealdade ao Grande Irmão e aceitando a alienação completa em favor da massa unificada.

O desfecho do livro retrata Winston totalmente subjugado pelo Partido, sua revolta esmagada pelas forças implacáveis da opressão. A narrativa denuncia não apenas a repressão física, mas a manipulação psicológica destinada a moldar a mente e a identidade do indivíduo conforme os interesses do Estado.

Orwell oferece uma leitura precisa sobre a ascensão de governos totalitários, destacando como este retira a

individualidade em prol de uma ideia fictícia de unicismo. Essa análise é aplicável a governos de diversas ideologias, desde Mussolini no fascismo italiano, que proclamava “Tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado”, até o governo de Stalin, cuja ideia de “socialismo em um único país” prometia equidade social mediante a um aparente senso de pertencimento.

É notável a repetição de padrões em extremismos de direita ou esquerda, tanto por parte das lideranças quanto das massas. A proximidade factual entre ideologias heterogêneas levanta a questão sobre os motivos subjacentes a tal coincidência, é disso que serão as tratativas mais à frente.

3. A inconsciência coletiva

No âmbito das massas, o conceito de “inconsciência coletiva[†]” se alinha harmonicamente com as observações de Gustave Le Bon sobre as individualidades que se diluem na multidão. Le Bon (2022) argumenta que na massa, as conquistas individuais se desvanecem, resultando na perda das singularidades, uma condição na qual o indivíduo se dissolve em uma “alma coletiva”.

Assim, o sujeito se vê liberado não apenas de sua individualidade, mas também de sua responsabilidade, tornando-se progressivamente uma amálgama do grande líder. Empregando a ele todo o desejo e culpa pulsional, Freud magnificamente conceitua “[...] o indivíduo é colocado sob condições que lhe permitem se livrar dos recalques de suas moções de impulso inconsciente[‡]” (Freud, 2013, p. 44). Dessa maneira, tal como na psicose[§], o sujeito detém um inconsciente a céu aberto, inconsciente esse, agora não individual, mas coletivo. Sendo assim, é de fácil entendimento o desaparecimento da consciência moral para além daquele meio o qual o sujeito empenha-se em fazer parte.

Le Bon (2022) estabelece uma analogia entre esse processo e a hipnose assimilando o estado como um processo de despersonalização, caracterizando-se como uma suspensão do sentido subjetivo individual para uma constatação engendrada do coletivismo ao qual a massa responde.

Dessa maneira, o conteúdo da massa obscurece o verdadeiro eu do sujeito. Essa massa, perpetuamente guiada por juízos solidificados que suspendem a autonomia egóica do indivíduo, produzem ideais coletivos que se articulam em instâncias próprias, sem dialética com o subjetivo individual.

Esses ideais, ao se solidificarem em ideologias inflexíveis, conferem à massa uma falsa sensação de onipotência, como destacado por Le Bon (2022), em que a noção de impossibilidade desvanece para o indivíduo na multidão. Essa ilusão de onipotência, por sua vez, anula o senso crítico individual, moldando o pensamento social e instaurando uma moral coletiva. Nesse contexto, a massa torna-se um rebanho obediente, cuja subsistência depende da presença de um líder. Essa dinâmica reforça a dependência da massa em relação a uma autoridade central, revelando a fragilidade da autonomia individual no coletivo.

[†] Essa expressão é seguimento da obra Lacaniana que explora a ideia de que na psicose, elementos do inconsciente podem se manifestar de forma mais evidente e direta no discurso e no comportamento do indivíduo. Sem a defesa psíquica do recalque, que apreende conteúdos traumáticos não simbolizados pelo sujeito. A psicose em psicanálise é a determinação que mais se aproxima da loucura do senso comum, sendo ela, quando em níveis extremos uma ausência de ‘eu’, e de entendimento básico do mundo externo (Lacan, 1985).

[‡] O conceito de inconsciente, segundo Sigmund Freud, difere significativamente do senso comum. Freud desenvolveu uma teoria complexa sobre o inconsciente, destacando-o como uma parte crucial da mente humana que influencia o comportamento, os sentimentos e os pensamentos de maneiras muitas vezes não reconhecidas pela consciência. Em sua obra “A Interpretação dos Sonhos” (Die Traumdeutung), publicada em 1899, Freud descreve o inconsciente como uma área da mente que contém pensamentos, desejos e memórias reprimidas, inacessíveis à consciência ordinária. Ele argumenta que muitos aspectos do comportamento humano são impulsionados por forças inconscientes, e que o acesso a esses conteúdos pode revelar informações essenciais sobre a psique humana (Freud, 2019)

[§] Em psicanálise, a psicose é caracterizada por uma ruptura significativa com a realidade, manifestando-se em alucinações, delírios e desorganização do pensamento (Lacan, 1985).

4. Massas artificiais

Sigmund Freud propõe a existência das “massas artificiais”, nas quais o indivíduo é privado da escolha de participação. Em sua articulação utiliza como exemplo a igreja e o exército, pois, apesar de aparentemente distintos, revelam inúmeras similaridades quando examinamos o processo de institucionalização dessas massas (Freud, 2013).

Em ambas, observamos a presença de um líder ou chefe que protege a massa com notável igualdade. Na igreja, Cristo desempenha esse papel, enquanto no exército é o general. O exército apresenta uma hierarquia clara, onde o capitão assume o papel de pai general para seu destacamento, protegendo, punindo e amando a todos de maneira “inquestionavelmente” igualitária.

Na igreja, embora haja sacerdotes, sua função difere, focando em manter as conexões libidinosas** estritamente centradas em Cristo, regulando os desejos e prazeres dos fiéis. Até mesmo o ato sexual é regulamentado para ocorrer após o sacramento do casamento, entendido como um gesto divino segundo Jesus, colocando o indivíduo em uma posição normativa, inclusive em seus atos mais íntimos (Freud, 2013).

A projeção†† dos indivíduos na figura do líder auxilia no estabelecimento de laços entre os subordinados, conectando seus gostos e afinidades ao ideal do eu personificado no grande líder, tanto no contexto militar quanto religioso. No primeiro caso, ocorre uma alienação da libido do sujeito em direção ao alto escalão, através do cultivo do amor à pátria, do ódio aos inimigos e da busca por um propósito. Na igreja, por sua vez, essa alienação se dá pela aspiração ao amor, união, pertencimento e salvação, proporcionados pela figura benevolente de Cristo.

Entretanto, em ambas as situações, o amor e a união são direcionados quase exclusivamente aos membros do grupo, uma vez que a exclusão de uma parcela de indivíduos é considerada essencial para a formação da massa. Tendo em vista que não há homogeneidade capaz de abarcar todo o significado do humano, pois esse significado nem sequer se revela de maneira completa (Freud, 2013).

Assim, com frequência, pode se identificar intolerâncias em ambos os grupos em relação a indivíduos externos. Isso se manifesta tanto na esfera religiosa, com a tendência à demonização de outras crenças, quanto no âmbito militar, onde há a emergência de sentimentos de onipotência e poder perante a sociedade civil.

4.1 A sexualidade e o autoritarismo

No mundo distópico de "1984", é notável como o Grande Irmão é frequentemente mencionado com conotações intrinsecamente sexuais‡‡ em suas "aparições", que são transmitidas através de relatos de terceiros. Ele é retratado como

** Em termos freudianos, a pulsão é um conceito fundamental que descreve uma força psíquica que impulsiona o comportamento humano, representando uma energia biológica que busca sua expressão e satisfação. Essa força origina-se no corpo e exerce uma influência significativa na mente, moldando os desejos, motivações e ações do indivíduo. Freud concebeu duas categorias principais de pulsões: as pulsões de vida, também conhecidas como Eros, que se relacionam com a busca de conexão, amor e preservação da vida; e as pulsões de morte, ou Thanatos, que envolvem impulsos de autodestruição e agressividade. Essa dicotomia entre Eros e Thanatos constitui um aspecto central da teoria psicanalítica freudiana (Freud, 2019). Em sua obra "Além do Princípio do Prazer" (1920), Freud explorou a pulsão de morte, discutindo como essa força pulsional influencia o comportamento humano, muitas vezes em formas paradoxais e aparentemente contraditórias. Ao introduzir a pulsão de morte, Freud expandiu sua compreensão da dinâmica psíquica, indo além da busca pela satisfação imediata e explorando as complexidades subjacentes à natureza humana (Freud, 2016).

†† Em psicanálise, projeção é um mecanismo de defesa pelo qual aspectos não desejados ou desconfortáveis do eu são atribuídos a outra pessoa. É uma forma de lidar com conflitos internos transferindo-os para o exterior. "A projeção é uma operação psíquica pela qual aquilo que é interno é lançado para fora, de modo a tornar-se externo e, assim, pertencer ao mundo externo." (Freud, 2019).

‡‡ Quando utilizarmos a sexualidade será na conceitualização psicanalítica postulada por Freud, sendo algo que vai além de reprodução ou a genital, e sim a libido, a força motriz que movimenta o sujeito a vida é desejo. Dentro dessa abordagem psicanalítica, a sexualidade é compreendida como uma força poderosa que influencia o comportamento humano, sendo central para a compreensão da psique e do desenvolvimento individual. Reconhecer a complexidade da sexualidade além de sua função reprodutiva permite uma compreensão mais ampla das motivações e dinâmicas psicológicas que permeiam as experiências humanas relacionadas ao desejo e à satisfação (Freud, 2016b).

benevolente com os membros do partido, e implacável com aqueles que traçam um caminho contrário. Por intermédio do Grande Irmão, os indivíduos experimentam sentimentos de pertencimento, ódio e amor. No entanto, qualquer expressão fora dos limites estabelecidos por esse líder é severamente reprimida. Essa repressão cria uma dependência libidinosa no pertencimento coletivo, onde a satisfação individual está inextricavelmente ligada à aprovação do Grande Irmão ou da massa que o idealiza.

Esta questão sobre a libido é bem argumentada por Reich (2019) quando conceitualiza sobre a ascensão do fascismo e como ela está intimamente ligada à repressão à sexualidade. A libido em sua característica pulsional insaciável, em nada interessa pensamentos reacionários, sejam eles quais forem. Dessa forma, governos totalitários buscam asfixiar a libido para que ela se aprisione em um objeto específico, podendo ele ser o líder ou uma ideologia.

“É por isso que o estado autoritário tem o maior interesse na família autoritária, ela transformou-se numa fábrica onde as estruturas e ideologias do estado são moldadas.” (Reich, 2019, p. 45).

As análises de Reich sobre a interligação entre governos totalitários e a repressão sexual ressoam de maneira marcante na obra de Orwell, que descreve ligas ‘anti-sexo’ que cultivavam a proibição do prazer sexual entre membros do partido. Ambos os pensadores enfatizam a relação entre autoritarismo e a restrição da sexualidade a normativas específicas, deixando evidente, que o estado busca integrar a família como parte fundamental do próprio. Isso é evidente na narrativa de 1984, especialmente quando Parsons, um leal súdito do Partido, é denunciado por seu próprio filho por expressar pensamentos contrários ao partido durante seus sonhos. Ilustrando como o estado totalitário busca impor sua ideologia, a qualquer laço libidinal, até mesmo o familiar.

A partir daqui, destacamos que a proximidade entre fantasia e realidade é cada vez mais encurtada, ideias totalitárias, reacionárias que determinam uma sexualidade reprimida. Bem, já conseguimos observar o horizonte para onde chegaremos.

4.2 Identificação

A Psicanálise conceitua a identificação como um processo primitivo na construção egóica, anterior ao complexo de Édipo^{§§}, representando a primeira e mais precoce ligação emocional do indivíduo. Nessa fase inicial, a criança se conecta emocionalmente aos seus cuidadores, fixando-se a eles, a fim de experimentar o mundo pela ótica fantasiosa advinda do olhar amoroso que regula essa primeira relação.

A identificação se manifesta antes mesmo da ligação ao objeto; por exemplo, o menino se identifica com o pai, enquanto a mãe é percebida como objeto de desejo, marcando o início do complexo de Édipo. Entretanto, à medida que o complexo de Édipo se desenvolve, essa identificação adquire uma tonalidade hostil, já que o menino percebe o pai como um obstáculo ao seu desejo de se tornar o falo materno (Freud, 2016b).

Observa-se então, a identificação desde os seus primórdios um processo ambíguo que envolve, tanto o amor pelo

§§ O Complexo de Édipo é um conceito psicanalítico proposto por Sigmund Freud, que descreve um estágio crucial no desenvolvimento psicosexual da criança. Essa teoria é central na psicanálise e tem implicações significativas na compreensão das dinâmicas familiares e no desenvolvimento da personalidade. De acordo com Freud, o Complexo de Édipo ocorre na fase fálica da infância, geralmente entre os 3 e 6 anos de idade. Durante esse período, a criança experimenta sentimentos conflitantes em relação aos pais, especialmente em relação ao genitor do sexo oposto. No caso de um menino, ele desenvolve desejos inconscientes pela mãe e experimenta rivalidade com o pai. No caso de uma menina, os desejos inconscientes se voltam para o pai, e ela pode sentir rivalidade com a mãe.

O nome "Complexo de Édipo" tem origem na tragédia grega de Sófocles, "Édipo Rei", na qual o personagem principal, Édipo, sem saber, mata seu pai e se casa com sua mãe. Freud usou essa história como uma metáfora para ilustrar os conflitos emocionais enfrentados pelas crianças durante esse estágio crucial de desenvolvimento.

O enfrentamento bem-sucedido do Complexo de Édipo é vital para o desenvolvimento saudável da personalidade. Se a criança não consegue superar esses conflitos de maneira adequada, isso pode levar a fixações ou distúrbios psicológicos na vida adulta.

Em resumo, o Complexo de Édipo é uma fase essencial do desenvolvimento infantil que envolve a resolução de conflitos emocionais em relação aos pais. Sua compreensão oferece visões valiosas sobre a formação da personalidade e as dinâmicas familiares (Freud, 2016b).

objeto, quanto o desejo pela sua aniquilação, desta forma presentificando a dualidade pulsional^{***} vivida em todo e qualquer sujeito.

Mas então, como a identificação atua na vida adulta, e na formação de massas? A identificação sendo um processo intimamente estruturado à formação egóica e sua ideia ilusória de pertencimento, leva o sujeito a ligar-se ao outro, tendo no horizonte uma característica afetiva em comum.

Esse fenômeno é evidente nos discursos políticos populistas, que buscam estabelecer uma proximidade imaginária com cada indivíduo na massa. Esses discursos recorrem a frases de efeito que são repetidas incessantemente, criando uma sensação de pertencimento e alienação do sujeito ao discurso outro. Vale ressaltar que o uso estratégico da linguagem desempenha um papel crucial nesse processo, sendo interessante notar como a simplificação da linguagem contribui para a adesão do indivíduo ao discurso. Não nos alongaremos na compreensão discursiva, entretanto é interessante compreender como o apequenamento da linguagem serve intensamente para a junção do eu a uma ideia.

Em 1984 temos o processo da nova língua^{†††}, que nada mais é, que o processo de despersonalização da linguagem, fazendo desvanecer sua característica social e libertadora (Orwell, 2019).

Na sua obra, Freud (2013) enfatiza de maneira contundente como o processo identificatório representa uma regressão nas ligações afetivas, pois nele o eu se oculta em prol do outro idealizado. Nesse contexto, torna-se evidente como os governos totalitários se valem amplamente desse modelo de ligação, utilizando diversas ferramentas. Já foi abordado anteriormente o papel da linguagem nesse processo, E agora, a exploração decaí sobre duas outras ferramentas que se mostram essenciais para a formação de massas unificadas.

A primeira dessas ferramentas é a "cisão grupal". O totalitarismo depende da identificação mútua entre as massas, mas para que esse processo ocorra, é necessário a existência de microgrupos. Em outras palavras, a coesão não é estabelecida com a totalidade da população; pelo contrário, é crucial que pequenas diferenças distingam os grupos. Cada microgrupo adquire uma característica do líder ao qual pode se ligar e identificar. Em termos simples, é impossível que uma única ideia ou indivíduo represente toda uma massa de sujeitos. Portanto, o líder fragmenta seu discurso em pequenos pontos, com o objetivo de dividir a massa em uma ação conjunta. Essa divisão enfraquece ideias contrárias ao líder, ao mesmo tempo que promove uma sensação de pertencimento e dependência em relação a ele (Freud, 2013).

A segunda está alocada no ódio ao diferente, o ódio em governos totalitários revela-se como uma temática central, sendo interpretado como uma projeção da aversão que cada indivíduo na massa possivelmente nutriria em relação aos seus "camaradas". Freud (2011, p. 56) destaca,

Conforme o testemunho da psicanálise, quase toda relação sentimental íntima e prolongada entre duas pessoas — matrimônio, amizade, o vínculo entre pais e filhos — contém um sedimento de afetos de aversão e hostilidade, que apenas devido à repressão não é percebido. Isso é mais transparente nas querelas entre sócios de uma firma, por exemplo, ou nas queixas de um subordinado contra o seu superior.

*** A teoria das pulsões em Freud distingue duas forças fundamentais: a pulsão de vida (Eros) e a pulsão de morte (Tânatos). A pulsão de vida busca preservar e promover a existência, manifestando-se em comportamentos amorosos, criação e união. Por outro lado, a pulsão de morte busca o retorno ao estado inorgânico, expressando-se em comportamentos destrutivos, agressividade e autodestruição. Essas pulsões coexistem, influenciando o comportamento humano de maneira complexa (Freud, 2016a).

††† Em "1984", de George Orwell, a Novilíngua (Newspeak, em inglês) é uma língua artificial criada pelo regime totalitário fictício chamado Partido. O objetivo da Novilíngua é restringir o pensamento e limitar a expressão de ideias consideradas subversivas. Isso é alcançado por meio da redução do vocabulário, da eliminação de palavras desnecessárias e da promoção de uma linguagem mais simples e direta. A Novilíngua tem como finalidade moldar o pensamento dos cidadãos, restringindo a capacidade de expressar conceitos que desafiem o poder estabelecido. Ao controlar a linguagem, o Partido busca controlar o pensamento, limitando as possibilidades de dissentimento e resistência (Orwell, 2019).

Nesse sentido, o líder com o dote que lhe é concedido de regulador moral, concerne uma imagem ideal a todos os seus liderados, a fim que, na busca desse ideal o sujeito aponte sua repulsa a todos que diferem a essa imagem cristalizada, surge, assim, um mecanismo que remete ao conceito freudiano “o narcisismo das pequenas diferenças”, não mais como uma pseudo garantia egóica, mas sim como um instrumento de coesão e singularidade da massa em si (Freud, 2010).

Ao se valer de ferramentas que promovem a regressão ao primitivismo humano, os governos totalitários desencadeiam a desintegração da intelectualidade, propiciando a descaracterização do civilizatório. Isso se reflete na emergência do ódio, violência, segregação e na anulação do simbólico, culminando na mortificação da própria linguagem.

A continuidade desse processo se traduz na negação de qualquer ambiguidade ideológica bem como na exacerbação dos instintos mais arcaicos, resultando na desumanização da sociedade e na submissão às narrativas simplificadas propostas pelo regime totalitário. Esse fenômeno se estende até alcançar o ponto crítico da morte simbólica, representada pela supressão da diversidade de pensamento e pela anulação da capacidade linguística de expressar nuances e complexidades (Freud, 2013).

5. 1984-2022

É essencial conectar os conceitos teóricos discutidos anteriormente com eventos tangíveis. Este capítulo visa articular o arcabouço teórico à realidade brasileira, sem emitir juízos de valor, mas sim explorando fatos para ilustrar a teoria na prática.

5.1 *Discurso totalizantes*

A cisão política em 2022 foi resultado de uma estratégia articulada pelos candidatos à presidência. Desde antes das eleições, o então presidente empregava discursos acusatórios, variando desde declarações que refletiam uma clara dissonância ideológica, como “Nossa bandeira jamais será vermelha” (Fernandes *et al.*, 2019), até falas mais agressivas, como “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre” (Bonin, 2018). Essa retórica contribuiu para a profunda divisão da população, explorando o medo como catalisador do ódio.

A direita extremista, utilizava o medo do comunismo para unificar a classe média, que, caracterizada por sua oscilação, tendia a favorecer a ideia de protecionismo do capital (Marx, 2021).

A extrema esquerda, por sua vez, apelava à unidade social entre seus eleitores, abraçando diversas pautas para aglutinar o sentimento de pertencimento. Denominando-se o “governo do amor” e o “guardião da democracia”, despertando assim o temor do fascismo e de atos antidemocráticos por parte de seus rivais.

Apesar das acusações de associação com o fascismo, o governo denominado como representante da direita não fez esforços para distanciar-se, utilizando slogans como ‘Deus, Pátria, Família’, amplamente usados pelo movimento fascista brasileiro na década de 1930. Essa proximidade aumentava o receio em relação ao governo.

5.2 *A promessa de propósito*

O ano de 2022 demonstrou como o processo identitário pode transformar o indivíduo em um veículo para a propagação ideológica, levando esse fenômeno a extremos. Após terminado os resultados das eleições, movimentos incompreensíveis surgiram, como acampamentos frente a quartéis e a renúncia de indivíduos a suas famílias, em prol de um ilusório propósito de ‘salvação’ do Brasil.

Apesar do silêncio do líder da oposição, seus eleitores continuavam empenhados, imaginando movimentos fictícios

das entidades governamentais, evidenciando como o líder é percebido como uma figura onipotente. Manifestações se espalhavam pelo país, revelando como discursos de ódio e medo proporcionavam a ideia de pertencimento e propósito, transformando cada individualidade em uma grande amálgama de pensamentos. A vilanização de grupos contrários era essencial para a coesão da massa (Freud, 2013).

Indivíduos de diferentes faixas etárias, classes e níveis de escolaridade moviam-se em sincronia, transcendendo a política. O lado oposto era visto como o grande mal, por vezes demoníaco, demonstrando como o ambíguo é veementemente expurgado de movimentos de massa, evidenciando o intenso processo dicotômico (Le Bon, 2022).

5.3 O gozo da massa

Em 8 de janeiro de 2023, movimentados pelo medo constituído por lideranças, aliado ao ideal rompido por imposições do judiciário brasileiro, emerge na grande massa o seu lado mais primitivo, como uma horda unificada pelo ódio e repressão pulsional, indivíduos vão a campo, com uma marcha coesa de inúmeros sujeitos, quase como uma sincronia de cardumes. Para então distensionar toda a carga pulsional alimentada pela ideia de propósito (Reich, 2019).

Os ataques a prédios públicos representaram uma expressão extrema dessas manifestações, caracterizados por comportamentos predatórios, incluindo atos de vandalismo, roubo e desrespeito ao espaço público. Esses comportamentos sugerem uma desconexão alarmante entre a descarga pulsional e o princípio da realidade (Freud, 2016a).

A ação simbólica de profanar estruturas sociais através de atos como defecação evidencia não apenas uma transgressão às normas sociais, mas também destaca uma tentativa de imposição fálica que remete ao infantil, quando havia uma dissonância concreta entre o eu e o mundo externo (Freud, 2010).

Em síntese, a intensa polarização política que caracterizou o Brasil em 2022 delineou um cenário complexo onde teoria e prática convergiram. A estratégia de discursos totalizantes adotada notadamente pelo então presidente e candidato da extrema direita, desdobrou-se em uma completa fragmentação da sociedade. A utilização de retóricas incisivas, como a recusa a uma irreverente bandeira vermelha, bem como falas intrinsecamente violentas, revelou uma abordagem baseada no fomento do medo, alimentando o ódio e a desconfiança entre diferentes setores da população.

As estratégias divergentes adotadas pela direita extremista e pela extrema esquerda destacaram a habilidade de ambos os lados em explorar os temores e anseios de seus eleitores. O medo do comunismo, reativado pela direita, ressoou na classe média, enquanto a esquerda buscou consolidar seu eleitorado através de uma suposta defesa da democracia e uma teórica união social.

A promessa de propósito, pós-eleições, foi um capítulo peculiar que revelou a intensidade do processo identificatório. A mobilização de grupos em defesa de ideias muitas vezes abstratas, como a “salvação” do país, demonstrou como o líder político é percebido como uma figura quase transcendental, capaz de movimentar ações coletivas mesmo na ausência de direcionamento explícito.

6. Conclusão

Diante do exposto, é possível concluir que a análise da obra “1984” de George Orwell à luz da teoria psicanalítica oferece uma perspectiva interessante e atual de fenômenos de massa, em especial o fascismo. A obra Orwell consegue manter-se atual mesmo após quase 9 décadas de lançamento, o que fomenta a discussão se formações patológicas na massa são inerentes à existência humana. A obra de Freud, em particular, destaca a perda da individualidade na formação destas massas

e a alienação concreta do sujeito em prol de um líder ou ideologia. Reich traz consigo a aproximação entre sexualidade e totalitarismo, elaborando que governos totalitários tendem a manter a sexualidade aglutinada em um escopo único pulsional.

Ao conectar esses conceitos teóricos à realidade contemporânea, como exemplificado no Brasil, observamos como discursos totalizantes, promessas de propósito e a manipulação da identificação coletiva são utilizados para fragmentar a sociedade. A dicotomia entre grupos políticos, alimentada pelo medo e ódio, cria uma dinâmica em que a individualidade é sacrificada em prol de uma massa unificada, vulnerável à manipulação.

A manifestação primitiva da massa, como observada nos eventos de janeiro de 2023, ressalta a descarga pulsional descontrolada e a desconexão entre a fantasia coletiva e a realidade concreta. A compreensão desses processos é essencial para analisar e abordar os desafios associados aos governos totalitários e aos fenômenos de massa na contemporaneidade.

Referências

- BONIN, R. Em 2018, Bolsonaro defendeu 'fuzilar a petralhada. **Veja**, 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/em-2018-bolsonaro-defendeu-fuzilar-a-petralhada> Acesso em: 22 maio 2024.
- FERNANDES, M. C.; ARAÚJO, C.; AGOSTINE, C.; FILGUEIRAS, M. Nossa bandeira jamais será vermelha', afirma Bolsonaro na posse. **Valor Econômico**. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/01/01/nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha-afirma-bolsonaro-na-posse.ghtml> Acesso em: 20 abr. 2024.
- FREUD, S. Freud (1914-1916) - **Obras completas volume 12**: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. **Freud (1920-1923) - Obras completas volume 15**: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- FREUD, S. **Além do Princípio de Prazer**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- FREUD, S. **Freud (1901-1905) - Obras completas Volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S. **Freud (1900) - Obras completas volume 4**: A interpretação dos sonhos. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 3**: as psicoses. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LE BON, G. **Psicologia das massas**. 1. ed. Joinville: Clube de autores, 2022.
- MARX, K. **O manifesto Comunista**. 5. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021.
- ORWEL, G. **1984**. 1. ed. Jandira: Principis, 2021.
- REICH, W. **Psicologia de massas do Fascismo** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.